

A PESQUISA EDUCACIONAL: necessidade emergente em cursos de formação de professores

Andréa KOCHHANN

Gilberto Lacerda SANTOS

GT3 – Formação de professores

Resumo: Para discutir a construção da pesquisa educacional como uma necessidade emergente, em cursos de formação de professores, nos embasamos em teóricos que foram discutidos na disciplina de “Epistemologia e Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais”, no doutorado em Educação, pela Universidade de Brasília. A pesquisa educacional precisa ser melhor discutida e compreendida para que a elaboração do conhecimento advindo e seus procedimentos possam ser reconhecidos. Para fomentar a discussão desse artigo, relembramos Sócrates e nos valem dos termos diálogos irônicos e epistemológicos.

Palavras-chave: Pesquisa Educacional. Processos Metodológicos. Paradigmas Educacionais.

Na tentativa de dialogar ironicamente

Discutir pesquisa educacional não é tarefa fácil. Discutir a construção da pesquisa educacional é mais complexa ainda. Dialogar ironicamente talvez seja o caminho para a epistemologia do conhecimento. Remetendo a Sócrates, suas preleções eram baseadas na ironia e na disputa. A ironia socrática se diferencia do conceito que se tem na atualidade. A ironia socrática era a dúvida que deveria existir em todo diálogo. Duvidar era o começo de uma boa conversa filosófica. O diálogo com ironia gerava debate e a disputa pelo argumento. A argumentação era a arte imprescindível para um diálogo. O diálogo construído pela ironia e disputa, fomenta a compreensão da epistème.

Na tentativa de movimentar um diálogo este texto apresenta o posicionamento de teóricos quanto a questão da epistemologia, da ciência humana e social e da pesquisa educacional. O recorte dado a este texto advém das experiências obtidas pelos diálogos calorosos durante a disciplina de “Epistemologia e Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais”, durante o período de doutoramento em Educação pela Universidade de Brasília, no primeiro semestre de 2016.

O texto foi estruturado em quatro sessões estilo resenha. Cada sessão se apresenta com uma temática inerente ao objeto de análise e no formato de resenhas. Cada sessão tem autores

que abordam a temática e compõe o *corpus* teórico. As sessões se intitulam: 1. A filosofia e sua relação com a práxis científica, 2. Conceito e finalidade da ciência, 3. O método científico e a comunidade científica e 4. Os paradigmas em pesquisas educacionais.

A filosofia e sua relação com a práxis científica

Para discutir sobre a filosofia e sua relação com a práxis científica valeu-se de três textos. O primeiro texto é da Gatti (2007). O segundo texto é de Leite (1993) e o terceiro texto é de Baumgarten (2009). Os textos abordados podem subsidiar discussões e compreensões sobre a pesquisa educacional tanto em cursos de graduação quanto em pós-graduação.

O livro de Bernardete Angelina Gatti é intitulado “A construção da pesquisa e educação no Brasil”, publicado pela Liber Livro, de Brasília - DF, em 2012, contendo 96 páginas. A autora apresenta uma discussão organizada em três capítulos. O primeiro trata da produção da pesquisa em educação no Brasil e suas implicações. O segundo aborda a questão do método. O terceiro apresenta a pesquisa em educação sendo um tema em debate em revista científica. Gatti (2012) inicia com o conceito de pesquisa e de pesquisa educacional, que em seu sentido estrito, a criação de um corpo de conhecimento, que possibilita compreender com profundidade às questões nebulosas e caóticas. A síntese da pesquisa, a partir de análises de dados coletados por depoimentos, entrevistas e outros instrumentos, deve apresentar consistência e plausibilidade, favorecendo solucionar problemas. Para a autora, o conhecimento pela pesquisa é um movimento de compreender profundamente um objeto situado no tempo e espaço, sendo mutável. No campo da educação, para a autora, a pesquisa apresenta especificidades, devendo ser compreendida como ato de educar e que a educação é um processo, sempre por vir a ser.

No primeiro capítulo, a autora historiciza a expansão da pesquisa em educação no Brasil, apresentando que havia no início do século XX apenas trabalhos esparsos. A partir de 1930, surge o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP) e as pesquisas começam a se desenvolver, mas nas universidades as pesquisas eram rarefeitas ou inexistentes. Entre 1940 e 1950 ocorre uma certa institucionalização da pesquisa nas universidades. A partir de 1960, se desenvolve a pesquisa em educação, com enfoque psicológico, depois cultural e por fim, econômico. Na década de 1970 novos vieses de pesquisa surgem. Na década de 1980, emergem produções institucionais. A autora salienta, que entre 1960 e 1980, o Brasil, viveu o momento de cerceamento da liberdade de manifestação e um período de transição. No final da década de 1980 e início da década de 1990, houve uma expansão da pesquisa em educação, apesar de existirem e persistirem problemas. A autora apresenta que um dos problemas da pesquisa em educação é a teoria e o método, pois ocorre uma adesão a sociologismos, a

economicismos e a psicologismos, enquanto modismos periódicos. Esse cenário propicia um sentido pragmático e imediatista nas pesquisas educacionais. Outro problema é que nem sempre há apoio institucional às pesquisas educacionais, ficando um trabalho de iniciativa individual. Para a autora, as universidades brasileiras, não nasceram com a concepção de pesquisa, ensino e extensão. Muitas, principalmente nas recém-criadas, se voltam apenas ao ensino para uma diplomação profissionalizante, em que as horas-aulas são suficientes. A autora insiste na questão de que a partir da década de 1980, o embate entre as questões teórico-metodológicas, se acirram. Defende que a separação entre o ser que conhece e o objeto a ser conhecido, não tem como ser estritamente separados, visto que o pensamento humano é histórico, dialético e contraditório. O problema nas pesquisas educacionais, para a autora, está mais centrado na incompreensão do método, do que, na subjetividade do pesquisador. O uso de modelos quantitativos ou qualitativos, carregados de significados e sentidos, efetivados pelo homem subjetivo que se esforça racionalmente para a objetividade da construção do conhecimento científico, a partir da pesquisa educacional, é alvo de contrapontos importantes. Sendo necessário um alto grau de maturidade e um refinamento subjetivo, para as pesquisas qualitativas. A autora apresenta dois trabalhos desenvolvidos no campo educacional e constata que o conhecimento adquirido nas reflexões e pesquisas deve ser socializado em uma temporalidade histórica e não imediata, bem como as implicações nas políticas educacionais, visto que os resultados de uma pesquisa educacional deve promover o impacto social.

No segundo capítulo, a autora discute as questões inerentes ao método nas pesquisas educacionais, apontando que é a forma de construir conhecimento. Apresenta ainda, que muitas vezes, a fragilidade do método se deve a falta de consistência e a incipiência teórica. Isso provoca uma pesquisa superficial, empobrecedora e provavelmente equivocada. Por conseguinte, a pesquisa educacional, aspira uma objetividade científica ou objetivação, advinda da maneira que utilizam as técnicas para coleta e principalmente, análise dos dados, por meio do senso crítico. A autora apresenta que durante muitos anos, as pesquisas educacionais no Brasil, foram meramente descritivas ou sem uma depuração séria e teorizada. Nesse sentido, a autora defende um debruçar teórico pela busca da consistência e solidez teórica e dúvida metódica. Essas questões se estabelecem com a prática e embate de ideias, carregado de crenças, valores e atitudes. Por isso, é imprescindível a lucidez, a reflexão e a autorreflexão, visto que a pesquisa avança fronteiras e transforma conhecimentos. A autora salienta que uma forma de evitar problemas nas pesquisas educacionais é quanto à maturidade para elaborar o problema consiste e coerente, o qual denuncia o *modus operandi* do pesquisador. A pesquisa é norteada pelo problema. A escolha das metodologias ou instrumentos de coletas de dados, deve ser criteriosa como a elaboração do problema. A autora, reitera que pesquisa se aprende pesquisando.

No terceiro capítulo, a autora, resgata alguns trabalhos publicados na revista *Cadernos de Pesquisa*, da Fundação Carlos Chagas, inerentes a pesquisa educacional, desde 1971. As análises que compuseram os primeiros números do *Cadernos de Pesquisa*, foram balizadores para a compreensão da problemática da pesquisa educacional no Brasil. Em 1971, Gouveia, escreve no número 1, a recuperação histórica da pesquisa educacional no Brasil e o mapeamento das temáticas e metodologias. Em 1983, Gatti, escreve no número 44, sobre a meta de implantação de mestrados e doutorados em Educação nas universidades. Em 1985, Vieira, escreve no número 55, sobre as especificidades do desenvolvimento dessa área no nordeste brasileiro. Em 1982, Rosemberg, escreve no número 40, sobre a vinculação entre conhecimento e poder. Em 1982, Mello, escreve no número 40, sobre o significado da ação de pesquisar. Em 1982, Rezende, escreve no número 40, sobre a grande diversidade de métodos. Em 1982, Tonucci, escreve no número 41, sobre o uso do método experimental na pesquisa psicopedagógica. Em 1983, Mello, escreve no número 46, sobre categorias teóricas nas pesquisas em educação. Em 1984, Esteves, escreve no número 50, sobre a crise de elaboração dos problemas. Em 1984, Franco, escreve no número 51, sobre a dimensão política da pesquisa e seu caráter histórico. Em 1985, Frigotto, escreve no número 55, sobre interdisciplinaridade. Em 1988, Luna e Franco, escrevem no número 66, sobre tendências metodológicas. Em 1982, Andre, escreve no número 40 e 41, sobre pesquisa qualitativa. Em 1985, Demo, escreve no número 55, sobre a representatividade da pesquisa em educação. Em 1991, Alves, escreve no número 77, sobre a pesquisa qualitativa. A autora ao longo de sua retomada histórica das publicações dos *Cadernos de Pesquisa*, demonstra a tamanha preocupação dos pesquisadores no tocante a pesquisa educacional no Brasil.

O texto de Siomara Borba Leite é intitulado “Refletindo sobre o significado do conhecimento científico”, publicado no Em Aberto, de Brasília – DF, em 1993, contendo 7 páginas. A autora apresenta uma síntese de sua tese sobre a democratização da escola básica através do conhecimento. A discussão inicial que a autora apresenta é no tocante a diferença entre conhecimento enquanto produto e processo e também enquanto estado e processo. A autora defende que o conhecimento deve ser de processo. Para a autora, o conhecimento enquanto produto é estático e acabado, enquanto processo é dinâmico, dialético e provisório. Assevera ainda que o conhecimento sendo histórico e social, é mutável e questionável. Há uma certa interação entre o produto e o processo, visto serem distintos mas não excludentes.

A concepção que a autora delata é de que o conhecimento como processo apresenta um movimento dialético entre sujeito e mundo, em que a verdade de ambos é buscada, construída e transformada. A autora reafirma que enquanto processo o conhecimento é histórico e síntese de contradições. Isso implica em dificuldades de produção do conhecimento, por vezes, por não saber o seu significado e sentido. Na visão da autora a Sociologia e a Filosofia, têm se dedicado a compreender os dilemas e os impasses

epistemológicos do conhecimento. Nesse cenário, tem se deparado com a divergência, de significados e sentidos, entre o paradigma das ciências exatas e naturais com as humanas e sociais, em que a crença da neutralidade e da objetividade, deve ser exaltada. Mas, como bem ressalta a autora, os objetos de investigação e seu devir, fazem com que os modelos de pesquisas sejam divergentes e contraditórios. Para a autora, o dinamismo histórico fomenta a produção de conhecimento humano e social, pois ressalta que o homem é o objeto de investigação do próprio homem, inserido em um contexto sócio-político-histórico em constante movimento. Querem controlar o agir humano e o conhecimento produzido por ele. Mas, esse conhecimento precisa ter um compromisso social. Na concepção da autora, é preciso fazer um conhecimento sobre o homem com o homem, ressaltando a sua humanidade e a mutabilidade, tanto do homem quanto da sociedade e da ciência. Portanto, a autora propõe uma reflexão profícua e profunda sobre o significado do conhecimento científico.

O texto de Maíra Baumgarten é intitulado "A prática científica na Era do Conhecimento: metodologia e transdisciplinaridade", publicado no Dossiê, de Porto Alegre - RS, em 2009, contendo 7 páginas. A autora apresenta uma análise de cinco artigos que discutem a produção do conhecimento na era da sociedade do conhecimento, em que estão intrinsecamente relacionados com a economia, política e questões sociais. Para uns a sociedade é da informação, para outros do conhecimento e para outros do aprendizado. Assim, surge o paradigma do conhecer para controlar e/ou separar e reduzir, fomentando os problemas entre natureza e sociedade, que são multidimensionais e contraditórios. Nesse cenário, a autora, discute que o homem alienado ameaça natureza. Tendo como alternativa a prática transdisciplinar de produção do conhecimento. Nesse ínterim, a autora, apresenta os cinco textos que compõe o Dossiê.

O primeiro aborda a interdisciplinaridade e convergência tecnocientífica, criticando a incompreensão da interdisciplinaridade, sendo vista como uma prática instrumental, seletiva e reducionista. O segundo aborda que a abordagem estrutural-funcionalista, que visava a uniformidade das questões sociais, foi o método pioneiro na era da globalização. O terceiro discute as implicações de um texto manifesto e apresenta as dificuldades da pesquisa, mas também as possibilidades de uma sociologia públicas, enquanto prática de pesquisa. O quarto trata o uso de dados secundários em pesquisas qualitativas, pois são viáveis e necessárias a partir de uma definição clara de critérios de análise. O quinto apresenta o impacto da incorporação das novas tecnologias como instrumento de pesquisa social. De uma forma geral Baumgarten almeja desenvolver conceitos e teorias que favoreçam a prática científica

Conceito e finalidade da ciência

Para discutir o conceito e a finalidade da ciência valeu-se de três textos. O primeiro texto é da Goldenberg (2004). O segundo texto é de Sobrinho (2014). O terceiro texto é de Miller (2007). A linguagem dos textos é clara e propícia para entender que a pesquisa qualitativa deve se sobrepôr a quantitativa no campo das Ciências Sociais, que apesar dos ditames da globalização e da era do conhecimento ainda é preciso evoluir no sentido de autonomia e emancipação, afastando-nos da exclusão política, social, cultural, educacional e ideológica.

O livro de Miriam Goldemberg intitulado “A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais”, foi publicado pela editora Record - RJ, em 2004, em sua 8ª edição, contendo 114 páginas. A autora apresenta uma discussão organizada em dezessete subtítulos. Com um vocabulário acessível aos acadêmicos iniciantes, apresenta a pesquisa qualitativa discutindo alguns pontos cruciais para a elaboração de um projeto de pesquisa que abarca as Ciências Sociais. Goldenberg (2004) introduz seu trabalho apresentando que a pesquisa se organiza por um olhar científico viabilizado pela curiosidade, criatividade, disciplina e paixão. Esses quatro elementos fomentam um trabalho criterioso, em um processo tenso e longo. Para a autora a pesquisa propicia um novo olhar sobre o mundo. A pesquisa ensina o olhar científico.

A autora defende que a pesquisa das ciências exatas não servem as ciências sociais e humanas, por serem quantitativas, objetivas, verificáveis, controláveis, etc. Na qualitativa o relevante é o aprofundamento da compreensão e de uma permanente crítica e autocrítica sobre o objeto. A autora delinea a construção da pesquisa qualitativa passando por Heródoto, Comte, Durkheim, Kant, Dilthey, Weber e outros. Da sociologia positivista a sociologia compreensiva muitos debates se estabeleceram. Segundo a autora, com a Escola de Chicago, em 1930, a pesquisa qualitativa, se apresenta mais veemente, principalmente devido as influências da sociologia e da antropologia. O livro de Goldenberg (2004) apresenta em um primeiro momento uma apreciação quanto a pesquisa qualitativa e em seguida apresenta algumas metodologias da pesquisa qualitativa. O estudo de caso, enquanto uma influência da medicina e psicologia, tem se tornado uma metodologia comumente usada nas pesquisas qualitativas em ciência sociais.

Outra metodologia de destaque para a autora é o biográfico, momento em que o sujeito deixa transparecer suas singularidades perante o sistema social e político, como ser histórico e situado. A autora de uma forma didática apresenta orientações metodológicas que viabilizem a elaboração de um projeto de pesquisa, discutindo desde o pensar do problema até sobre questionários. Apesar dos descaminhos no processo de pesquisa, a autora imprime importantes desafios a serem vencidos pelos pesquisadores qualitativos, visto que a impregnação da pesquisa quantitativa pode surgir como as facilidades de análise.

O texto de José Sobrinho intitulado “Universidade e novos modos de produção, circulação e aplicação do conhecimento”, foi publicado pela Revista da Avaliação da Educação Superior, em 2014, contendo 19 páginas, organizado em cinco subtítulos, sobre o papel da universidade no cenário da globalização e da era do conhecimento. A preocupação do autor é quanto às mudanças políticas, econômicas, no sentido de transformação da produção perante uma sociedade neoliberal, em que o tempo e o espaço se encurtam em nome da chamada globalização e sociedade do conhecimento. O autor afirma que essas transformações influenciam e são influenciadas pela educação, emergindo questões antes não tão aparentes, como por exemplo, que as transformações e avanços científicos ditos para todos, foram na verdade para uma pequena massa populacional, (re)afirmando a exclusão social, tecnológica, econômica, política, cultural em plena era em que o globo se transcende.

O cenário educacional e responsável por essa (re)afirmação. Por isso, o autor questiona sobre o papel da universidade e do conhecimento para a construção de uma sociedade humana. E no espaço universitário que, apesar das dificuldades estruturais e de desvalorização do profissional, a sociedade se estrutura com certa autonomia. Ao longo dos itens, em que o autor organizou seu texto, é possível perceber o posicionamento crítico em relação ao papel da universidade e da ciência contemporânea. Na concepção do autor é necessário novas concepções de ciência, mundo, universidade, pessoas e outros, com características de fato de autonomia.

O texto de David Miller intitulado “The Objectives of Science”, foi publicado Revista *Philosophia Scientiae*, em 2007, contendo 22 páginas. O autor apresenta uma discussão organizada em cinco subtítulos, sobre os objetivos da ciência, na visão de Karl Popper. Para Miller, Popper apresenta a ciência por critérios que demarcam a ciência e a não-ciência. Defende que na ciência pela indução as pessoas mudam o seu modo de olhar a realidade e que, na ciência pela determinação, o que não pode ser negado não é ciência, devido ao princípio da negação.

O autor assinala que Popper era defensor de uma ciência da observação e da teorização. A intenção que o autor transparece, pelo texto, é que a teoria não é científica com base em uma simples observação. É todo um processo de construção e reconstrução com base em análises fundamentadas e situadas. Para essa questão, o autor deixa claro às dificuldades que os pesquisadores encontrar para demarcarem seu problema ou objeto. Popper, na concepção de Miller, não tem sido bem estudado ou compreendido quanto a sua teoria, pois assevera que aquele que diz algo se contravê e contrapõe. Essa dinâmica do não estar certo e determinado, de estar em constante movimento e construção, significa que está no caminho certo da produção de conhecimento para as ciências sociais, de maneira qualitativa.

O método científico e a comunidade científica

Para discutir sobre a comunidade científica e o método científico valeu-se de um livro do Meksenas (2002). O diálogo se estabelece ao defender que o pedagogo precisa pesquisa para produzir conhecimentos e ensinar, pautado na ética, no respeito e na colaboração entre pesquisadores. A ciência por mais limites que apresenta, como financiamento, é necessária e promove o avanço social, pela validação de seus resultados.

O livro do Paulo Meksenas “Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas”, foi publicado pela editora Loyola – São Paulo, em 2011, em sua 2ª edição, contendo 166 páginas. O autor apresenta uma discussão organizada em oito capítulos, sobre a questão da ciência, do método, da pesquisa e do projeto de pesquisa. Prefaciado por Lucídio Bianchetti, que afirma que os homens desde os primórdios pesquisam e com o passar dos tempos, o processo de pesquisa se sofisticou. O primeiro capítulo aborda a pedagogia como ciência e lembra que a educação está ao lado do trabalho desde o começo dos tempos. Para Meksenas a pedagogia é a ciência que enfatiza a instituição escolar, podendo reproduzir ou transformar os atos dos alunos, que para Pimenta (1996) como é lembrada pelo autor, é o irredutível pedagógico.

Meksenas aponta que a pesquisa remete a capacidade de produzir conhecimentos e por isso a pesquisa escolar é importante para repensar as práticas pedagógicas pelas interações e mediações, bem como pela opinião pública. Meksenas ainda assevera que o pedagogo em formação precisa de pesquisa e iniciação científica, pois há uma estreita relação entre pesquisa e ensino, apesar na concepção positivista havia diferença entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, gerando uma educação autoritária. Mas, para o autor é necessário que ciência e educação produzam criticidade, eis o papel do professor que decide ser pesquisador.

Meksenas faz um breve histórico sobre a questão da pesquisa enquanto produção do conhecimento, lembrando que Platão afirmava que o conhecimento é superior ao homem, em seu mundo sensível e que os filósofos tratavam da episteme. Meksenas apresenta que Locke discordou de Platão ao dizer que o conhecimento é mutável devido às sensações do ser no mundo, por meio do empirismo. O autor traz o rebatamento de Kant ao dizer que todo conhecimento se inicia com a experiência mas a razão interfere em seu desenvolvimento, pois a razão determina como pensar a experiência. Meksenas por fim apresenta que Marx revolucionou a concepção de produção de conhecimento ao afirmar que esse ocorre por meio

da história e das relações sociais. O autor apresenta que muitas vezes a pesquisa é vista como sendo para poucos, mas na verdade o discurso científico está presente em nossas vidas.

A ciência moderna está presente em nossas vidas, apesar que o sistema econômico representado pela ciência burguesa reducionou a pesquisa a um viés utilitarista. Para Meksenas a sociedade industrial controla os meios de produção e a produção intelectual pela ciência, mas o pesquisador está inserido na história e seu trabalho intelectual não pode se submeter, apenas dos financiamentos das pesquisas serem muitas vezes patrocinadas por empresas. O autor relembra que Marx já criticava a sociedade burguesa que pela ciência queria encurtar o tempo de trabalho para produção e assim, a ciência é revestida de tecnologia da globalização, forjando uma *ciência instrumental*, que exclui cada vez mais. Por isso Meksenas trata da ética na pesquisa e no respeito às diversidades, respeitando as religiões e o conhecimento do senso comum, que para Gramsci integra a cultura popular, sendo preconceito “superestimar a ciência”.

A pesquisa segue um método. Meksenas apresenta que método é o meio. O positivismo criado por Comte abandona a religião e a emoção, passando do teológico, para o metafísico e por fim, o positivo, fundado na observação positiva, mas reduziu as questões humanas e sociais a leis biológicas e de neutralidade, da linguagem matemática. O marxismo criado por Marx valoriza a história e as relações sociais de produção, resultando em um movimento de luta de classes. A fenomenologia criada por Husserl valoriza as aparências colocadas em suspensão, destacando as visões e vivências. O estruturalismo de Lévi-Strauss valoriza a parte relacionada ao todo, pensada como um sistema, contudo, estando fora de seu tempo histórico. A escolha de um método de pesquisa é uma escolha política e ética e não tem receitas. A coleta de dados da pesquisa após a escolha do objeto, pode ser por estudos de comunidade, etnografia, estudo de caso, entrevistas, depoimentos, conversas informais, diário de campo, produção textual e de imagens, gravações, documentos gerais, história de vida pelo trabalho de memória, enquete e outros instrumentos. Meksenas apresenta alguns exercícios e vivências com a pesquisa e também apresentou e explicou as etapas de um projeto de pesquisa, partindo do tema, problema, objetivos, hipótese, justificativa, metodologia, referencial.

Os paradigmas em pesquisas educacionais

A construção do conhecimento científico está associada ao paradigma vigente. Para discutir essa questão valeu-se do texto de Miranda (2005) e do texto de Günther (2006).

Essa questão é abordada no texto de Maria Irene Miranda, intitulado “A produção do conhecimento científico, os paradigmas epistemológicos e a pesquisa social”, foi publicado na revista Educação e Filosofia, nº 37, de janeiro a junho, de 2005, contendo 13 páginas, disponível on line.

Miranda (2005) abordou nesse texto sobre a produção científica evidenciando as várias perspectivas e os paradigmas que sustentam o processo histórico, que influencia o pensamento e a elaboração da ciência. Em seu texto, a autora, analisa as implicações epistemológicas bem como as metodológicas de forma interpretativa da realidade, considerando a dualidade/contraditória objetividade e subjetividade e a relação entre o processo que se produz o conhecimento científico com o paradigma dominante.

A produção do conhecimento se estabelece a partir do processo de duvidar e do paradigma do conhecimento de cada tempo e espaço. O paradigma que dominava na época moderna, era sustentada pelos princípios epistemológicos de Descartes, Bacon, Newton, Galileu e outros, que admitiam a verdade científica àqueles conhecimentos passíveis de controle e experimentação. A autora apresenta que no momento em que esse processo de produção de conhecimento passa a ser questionado e mais tarde refutado, surge um novo paradigma epistemológico, que apresenta quatro características básicas, sendo elas: a ruptura entre a concepção da dicotomia entre as ciências naturais e as sociais, busca a totalidade, o auto-conhecimento e a valorização do senso comum para a produção de um novo conhecimento.

Miranda (2005) ainda apresenta que a concepção do novo paradigma paira na valorização do sujeito pensante e histórico, da relação entre ciência e filosofia e da relatividade da verdade. O que demonstra que a verdade absoluta e inquestionável passa a ser percebida como um processo de construção e de validação dos pares pela argumentação com base na análise qualitativa dos fatos, de maneira dialética. Para a autora a grande dificuldade em romper um paradigma está na forma de pensar, que antes era linear e agora dialético.

A autora apresenta que as pesquisas sociais devem seguir a abordagem hermenêutica, fenomenológica, a etnometodologia e a etnografia, assim rompendo o paradigma linear de investigação. Afirma ainda que “O avanço das abordagens qualitativas de investigação marcou uma perspectiva epistemológica contrária à perspectiva experimentalista e racionalista, gerando uma polêmica em relação à oposição entre os enfoques qualitativos e quantitativos”. (p. 246).

O artigo de Hartmut Günther foi publicado na Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, em seu volume 22, n. 02, da página 201 a 210, em Brasília, no ano de 2006, intitulado “Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?”. Ao longo das dez páginas do artigo são apresentadas as diferenças entre a pesquisa quantitativa e a qualitativa.

As vantagens e as desvantagens entre uma pesquisa e outra, segundo o autor, se estabelecem pela qualidade dos dados obtidos e seu tratamento. No texto é apresentado a forma de observação, experimento e survey. A principal diferença está que a pesquisa qualitativa parte de um problema qualitativo. Günther (2006) discute sobre as características da pesquisa qualitativa, da postura do pesquisador, estratégias de coleta de dados, estudo de caso, o papel do sujeito e a aplicabilidade e o uso dos resultados da pesquisa. Para o autor a realidade social é uma construção e enfatiza o caráter processual e a reflexão sobre as condições objetivas de vida e do caráter comunicativo da realidade social. A compreensão do objeto é o princípio da pesquisa qualitativa em conjunto da construção da realidade.

A modalidade de estudo de caso é essencial na pesquisa qualitativa. O processo de pesquisa é visto pelo autor como um mosaico em que o objeto de estudo deve ser sempre analisado pela historicidade, centrado num problema e tendo a contextualidade como fio condutor, por um processo de reflexão contínua e interação dinâmica. Além de estudar o fenômeno no seu contexto natural. Para Günther (2006) a generalização de resultados na pesquisa qualitativa leva em consideração a argumentação, o processo indutivo, as regras e a quantificação. Na pesquisa qualitativa há interferência das crenças, valores e as emoções. A pesquisa-ação é importante na pesquisa qualitativa e afirma que é um desperdício se não houver aplicação da pesquisa. Como toda pesquisa, o autor, assevera que a pesquisa qualitativa se vale de instrumentos e procedimentos específicos de investigação.

Alguns procedimentos que o autor destaca são o estudo de caso, análise de documentos, pesquisa-ação, pesquisa de campo, experimento qualitativo e avaliação qualitativa. Como procedimentos em pesquisas qualitativas o autor apresenta a observação de comportamentos, realizar entrevistas, questionários e outros tantos procedimentos grupais. Outra questão importante na pesquisa qualitativa, que Günther (2006) apresenta é quanto a transcrição de dados que deve ser levado em consideração, a representação e a transcrição e a construção de sistemas descritivos. Apresenta critérios de qualidade na investigação.

A guiza de considerar sobre o diálogo irônico

Em meio à análise de diálogos irônicos e epistemológicos de um campo teórico que propicia a construção do conhecimento, é possível dizer que a pesquisa educacional tem avançado e que a caminhada pode ser londa e conflituosa mas, viabilizadora de um novo olhar

para a realidade. Os cursos de formação de professores precisam ensinar com base na pesquisa, que promove a constrição do conhecimento. Eis nossas angústias.

Referências

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GÜNTHER, Hartmut (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. vol. 22 nº 2 Brasília May/Aug. 2006. Consultado em 22/02/2016 em <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>>

MIRANDA, Maria Irene. A produção do conhecimento científico, os paradigmas epistemológicos e a pesquisa social. In: **Educação e Filosofia**, nº 37, jan/jun, p. 239-251. Consultado em 22/02/2016 em <www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/download/576/521>, 2005.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica**. São Paulo: Loyola, 2002.

MILLER, David. The objectives of science. In: **Philosophia Scientiae**, v. 11, nº 1, p. 21-43. 2007. Disponível em: <<http://www2.warwick.ac.uk/fac/soc/philosophy/people/associates/miller/poincare.pdf>>

SOBRINHO, José D. Universidade e novos modos de produção, circulação e aplicação do conhecimento. In: **Revista da Avaliação da Educação Superior**, 2014, v. 19, nº 3, p. 643-662. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=avaliacao&page=article&op=view&path%5B%5D=2055>>.